

Os dois dizeres de “O aturdito”¹

Até escrever “O aturdito”, texto produzido durante as férias, no intervalo entre *O Seminário, livro 19* e *O Seminário, livro 20*, Lacan falava da diferença entre enunciado e enunciação, ambos no nível dos significantes, sendo a enunciação o que está sendo dito, sem que o sujeito saiba que sabe o que está dizendo. Em “O aturdito”, aparece o “dizer”, o além da enunciação: nesse escrito, quando Lacan usa o termo “dizer”, se refere não só à composição significativa, mas também ao além do significante, ao objeto implicado na enunciação, ao objeto que assinala o desencaixe, a não existência da relação sexual. O “dizer” é definido por Lacan como ex-sistindo ao dito, como ex-sistindo ao enunciado verbal – à proposição.

Nesse escrito, Lacan define dois tipos de dizer: o dizer modal do analisante e o dizer apofântico do analista. Ambos os “dizeres” evidenciam, em última instância, a não existência da relação sexual. Falarei, de início, sobre o dizer do analista, para me concentrar depois no dizer do psicanalisante.

Surpreende o uso da palavra *apofântico* para definir o que está fora da proposição no dizer do analista, já que é mais conhecida a lógica apofântica aristotélica que classifica os enunciados em verdadeiros ou falsos. Ou seja, é uma lógica que se aplica a proposições, mas Lacan retoma a releitura que Heidegger faz da lógica apofântica de Aristóteles, na qual a palavra apofântica toma o sentido de revelação, de algo anterior à possibilidade de ser verdadeiro ou falso.² O dizer do analista deve revelar, sempre, em última instância, a não existência da relação sexual.

1 Texto apresentado nas Jornadas Clínicas da EBP-rio “Que se diga”, em 13 de novembro de 2002.

2 INWOOD, Michael. *Dicionário Heidegger* (1999). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002, p. 153–4.

Para essa finalidade, esse dizer apofântico deve tomar a forma de equívoco, já que Lacan escreve: “Nada funciona, portanto, senão pelo equívoco significante”.³ Essa observação se complementa com o que Lacan diz em *O Seminário, livro 23*: “Com efeito, é unicamente pelo equívoco que a interpretação opera”.⁴ E acrescenta uma distinção entre analistas rinocerontes e analistas mais advertidos: os primeiros correm (com seus equívocos) atrás de qualquer pista, os segundos se concentram no *sinthoma*.

Em “O aturdito”, Lacan define três tipos de equívoco com os quais o analista opera:⁵ 1) *homofônicos* – por exemplo, uma analisanda minha, homossexual, se queixava de suas dificuldades sexuais em relação a sua companheira. O texto de um sonho no qual “estava com uma amiga de nome Sentilha, com quem tinha cumplicidade devido a uma relação escondida do marido”, permitiu à analista repetir “senti-la”, e esse significante, que marcava suas dificuldades, a dificuldade de senti-la, de sentir a outra mulher, abriu caminho para outros sonhos e outras lembranças. Outro analisante contava um sonho no qual retalhava um macaco, o que permitiu à analista dizer “retaliava”, palavra que o analisando trabalhou, verificando a dimensão vingativa de seus sintomas; 2) *gramaticais* – Lacan os explica dizendo: “Você o disse”. Seria o equivalente da citação como forma de interpretação, de que fala em *O Seminário, livro 17*. Uma analisanda minha dizia do marido, do qual se queixava: “Não sinto vontade de ele mudar”. A formulação é ambígua quanto à vontade ser dela mesma ou do marido. Ela se apercebeu disso mediante a repetição da analista e o efeito equivaliu a uma retificação subjetiva; e 3) *lógicos* – Lacan não os exemplifica. Penso que poderiam ser todos os jogos lógicos que se podem realizar com os enunciados dos analisantes, como a inversão causa-efeito, por exemplo, que tende a desfazer o mito das causas lógicas. Aponta para o fato de que a causa está sempre perdida, o que se apoia no impossível da relação sexual. O mais simples “Os homens não me olham porque sou feia” pode ser invertido desta maneira: “Ou será que você prefere se ver feia para não ver o olhar dos homens?”

3 LACAN, Jacques. “O aturdito” (1972). In: *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 459.

4 LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 23: o sinthoma* (1975–6), Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007, p. 18.

5 LACAN, Jacques. “O aturdito”. Op. cit., p. 493–4.

Então, essas três maneiras de equivocar a linguagem seriam consideradas apofânticas⁶ porque revelariam o *nonsense* do universo significativo, alertariam para o além, para o ex-sistente, para o real. Fica claro o desencaixe que esses três tipos de equívoco introduzem no discurso no psicanalisante.

O dizer modal do psicanalisante

Ao falar de dizer modal, Lacan se refere à lógica modal de Aristóteles, que trabalha as modalidades de possibilidade e necessidade. Essas modalidades aparecem gramaticalmente na forma do subjuntivo e por isso Lacan escreve, no começo do texto: “Que se diga fica esquecido por trás do que se diz em o que se ouve”⁷.

A conjugação subjuntiva “que se diga”, nesse caso, exprime o que Lacan considera necessário: para que haja um dito, é necessário que esse dito se diga. E ele acentua o caráter quase tautológico da afirmação, sendo também necessário que ex-sista algo que sirva de empuxo ao sujeito para dizer o dito.

O dizer modal necessário a todo dito é a “intenção” pulsional que sempre se inclui, veladamente, em tudo aquilo que se diz. Essa intenção pulsional, singular em cada falasser, na forma de seu objeto de gozo ou causa de desejo, implica sempre a pulsão de morte – a intenção agressiva. Por isso, é possível dizer que toda fala é agressiva.

Tal dizer necessário do analisante aparece nos ditos da associação livre, ex-siste a esses ditos e os possibilita. Diferentemente de Freud, que pensava que existia uma representação final inconsciente que, ao se eliminarem as finalidades conscientes do discurso, nortearia as associações, Lacan pensa que ex-siste algo presente no “que se diz” e que causa os ditos. Ou seja, os ditos do psicanalisante não se dirigem a uma representação final, mas são causados por algo que se revela em tudo aquilo que o sujeito diz. Em última instância, como já disse, esse dizer re-vela a não existência da relação sexual e se modaliza, em cada caso, com um dizer singular que funciona da maneira que Lacan trabalha o termo “aleteia”, segundo Heidegger: o que se revela, ou seja, mostra e re-vela.

6 Lacan se apoiando em Heidegger.

7 Ibid., p. 448.

Seria o final de análise fazer com que esse dizer que re-vela a castração e que possibilita os ditos deixe de ficar esquecido? Ao menos, isso parece ser o que Lacan pensava naquele momento.

Em “O aturdito”, Lacan faz esse lugar do dizer do analisante equivaler à exceção que possibilita o *todo* das fórmulas da sexuação, o que está de fora e que sustenta o edifício. Algo semelhante ao número transfinito ou ao que, usando a topologia, define como o “ponto fora-de-linha”.⁸ Por isso, nós o fazemos equivaler ao objeto *a* “mais de gozar” e/ou “causa de desejo”. O paradoxo é que “isso necessita que seja dito”, ou seja, trata-se de um dizer que se está dizendo e não de algo inefável, “fora das palavras”. Isso, então, só se revela e se realiza quando as demandas expressas no discurso do analisante, ao se repetirem, encontram o dizer apofântico do analista, o que produz um corte que acaba modificando a estrutura. Ou seja, segundo ele, as demandas dão voltas em torno de um furo⁹ que não se percebe ou que só será percebido pelo analisante quando o objeto contido nas demandas se revelar mediante os cortes produzidos pelo analista.

Não se trata de pura e simples repetição e Lacan o diz nestas palavras: “Insisto: a volta em si não é contável; repetitiva, ela não fecha nada, não é nem o dito nem o por dizer, ou seja, é uma proposição nula”.¹⁰

Pensei em tentar exemplificar isso com o que o relato de passe de Dominique Laurent nos ensina.¹¹ Ela nos apresenta dois processos de análise, o primeiro deles motivado por uma demanda de “salvar” seu matrimônio. Esse significante, *salvar*, abre, nos diz ela, “a sua caixa de Pandora”. Salvar sempre tinha sido o que a motivava, o que tinha determinado sua escolha profissional: médica. Médica para salvar os pobres, como seu ídolo Albert Schweitzer, dedicado a salvar os mais necessitados. E tinha sido na cidade natal desse homem onde, a partir de uma lembrança encobridora, seu destino de salvadora se tinha selado. Ela conta que, sendo pequena, engolira a língua num ataque de tosse e que seu pai a salvara introduzindo seu dedo na garganta. Ela o mordeu. Nesse momento, nos diz ela, se fixou uma identificação ao pai que a

8 Ibid., p. 472.

9 Dão voltas em torno do furo interior da figura topológica de um toro.

10 Ibid., p. 488

11 LAURENT, Dominique. “Desidentificação de uma mulher”, *Opção Lacaniana – Revista Brasileira Internacional de Psicanálise*, n. 29, São Paulo, 2000, p. 38.

salvou e que também, como soldado, teria salvado a pátria. De fato, essa identificação se revelava não só na identificação à salvadora, mas também numa certa identificação masculina, que a fazia aparecer com um corpo andrógino, e numa identificação ao soldado, que se exprimia no uso de metáforas militares. Sintomas orais também a incomodavam: uma certa anorexia, um mutismo e uma depressão recorrente.

A primeira análise avançou muito, mas foi interrompida por uma interpretação da analista definida por Dominique como “brutal”, no momento em que começava a se esboçar a construção de uma fantasia canibalesca: se fazer comer pelo Outro.

Foi na segunda análise que a repetição das demandas do discurso se ordenou e o dizer modal foi revelado: o gesto paterno de salvar passou a ser lido como “se fazer morder”.

Mas o corte definitivo se fez quando, mediante uma interpretação apofântica do analista, se revelou o dizer da morte; quando ela conseguiu enunciar um “eu mordo” – para além do “se fazer morder” –, o analista leu “eu morto”. Ou “eu morte”.¹²

E ela própria conseguiu ler o que vinha falando e repetindo desde a primeira análise: ela contava que a mãe não cessava de declarar suas ideias suicidas e de se evocar como já morta, associando a pequena Dominique nesse quadro. Isso era justificado pela infância da mãe, marcada de luto e de abandono. Além do mais, o jogo preferido da mãe era vestir as roupas de luto sempre usadas por sua avó paterna, bisavó de Dominique, que proibia os avós de Dominique de fechar a porta do quarto, o que foi tido como causa do fracasso do matrimônio.

Esse gozo inquietante da mãe tinha sido cifrado por Dominique num sonho produzido no intervalo entre as duas análises: “O sonho põe em cena a analista, a mãe da analista e a analisante. A analista aterrorizada por sua mãe hesita em apresentá-la à sua analisante. Esta, não tendo nada a temer dela, gostaria muito de conhecê-la. Ela então descobre uma figura de papelão reciclado, figura obscena e ridícula”.¹³

12 Em francês, “je mords” (“eu mordo”) e “je mort” (“eu morto” ou “eu morte”) são homofônicos.

13 Ibid., p. 40.

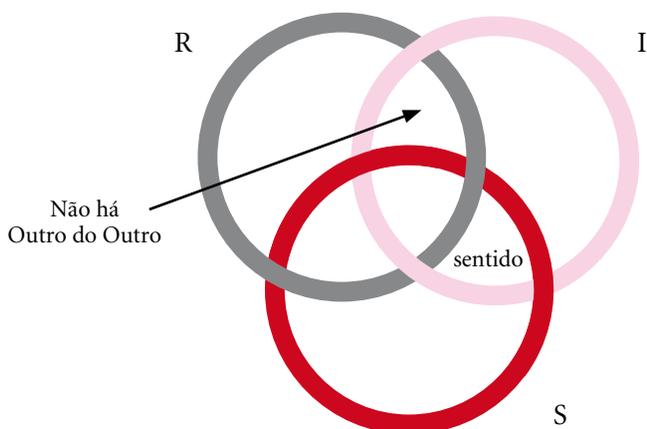
Ao acordar, identificou essa figura com a Rainha da Noite, a qual, na ópera *A flauta mágica*, representa o papel da mãe disposta a tudo para não renunciar ao gozo da filha, figura mortífera, por excelência. Quando ela relatou esse sonho na sua segunda análise, o analista equivocou dizendo: “Rainha da Morte”. O sonho tinha assinalado que essa Rainha da Noite-Morte não era mais do que uma estrutura de ficção.

Para o objetivo deste texto, fica exemplificado o dizer modal que se exprimia em todos os ditos de Dominique: “eu mordo” e, ao mesmo tempo, “eu morte”. O dizer apofântico do analista se fez escutar nos equívocos significantes.

Lembro ainda que a analisante só assumiu completamente sua responsabilidade no gozo, que se tinha re-velado com o dizer “mordo-morte”, ao tocar a percepção da inconsistência do Outro. Isso aconteceu quando ela, verificando que seu pai podia ser metaforizado como “Rei Sol”, apreendeu que ela tentava suprir a falta de encaixe de um casal inviável. “Rei Sol” e “Rainha da Noite”, enunciar esses significantes foi sua maneira de dizer “não existe relação sexual”. Percebeu que, em toda a sua vida, tentara infrutuosamente fazer existir o casal, atribuindo inconscientemente à mãe um gozo mortífero, cuja falta de satisfação ela devia suprir: ela tentava recobrir a falta de gozo da mãe com a fantasia de que sua mãe gozava da morte.

Como a falta da mãe nunca era satisfeita, mesmo que se esforçasse, ela se identificava, ao mesmo tempo, com a impotência do pai em satisfazer a mãe. Sempre, entre um casal, aparece o *a*, um resto de gozo indecifrável. Ela, inconscientemente, recobria esse resto com os jogos mortíferos da mãe e se identificava com a impotência do pai em satisfazê-la. Ao enunciar a sua própria fórmula da inexistência da relação sexual, teve de constatar que, apesar de sua mãe fazer essas brincadeiras, a interpretação de que sua mãe gozava da morte, o significante Rainha da Noite-Morte e o gozo da morte eram responsabilidade absolutamente dela, da analisante, e que era ela quem teria de se haver com isso. Se seu pai não conseguia satisfazer completamente à mãe, não era por impotência, mas por impossibilidade. Entre Rei Sol e Rainha da Noite o encontro é impossível. A tentativa de suprir o desencontro do casal era feito com seu próprio gozo, de Dominique. O gozo do Outro não existe, o Outro é inconsistente: o gozo era exclusivamente dela e por ele deveria se responsabilizar.

A inexistência do gozo do Outro é o que Lacan chama de o verdadeiro furo.



*O verdadeiro furo está aqui*¹⁴

Resumindo: ela percebera sua própria intenção mortífera (própria, não podendo mais atribuí-la ao Outro) quando o analista equivocou o “eu mordo” com “eu morte”. Mas essa só foi verificada quando enunciou o casal impossível: “Rainha da Noite – Rei Sol”. Remanescente inassimilável dos significantes Rei Sol e Rainha da Noite, esse “eu mordo-eu morte” funcionava como o dizer que ex-sistia a todos seus ditos na análise e os determinava. A análise acaba na inconsistência do Outro e no impossível da relação sexual.

Dominique Laurent o matematiza assim antes da análise:

$$\frac{\text{Rei Sol}}{\text{Rainha da Noite}} \qquad \frac{A}{\mathcal{G}} - (a)$$

Com a análise, ela consegue barrar o Rei Sol, ao qual se tinha identificado, e cifrar o resto de gozo que sintomatizava. Passa de:

$$\frac{A}{\mathcal{G}} - (a) \qquad \text{para} \qquad \frac{\mathcal{A}}{G}$$

14 LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 23: o sinthoma*. Op. cit., p. 130.